

Discurso

Lido pelo paronympho Prof. Dr. Joaquim Amazonas na
collação do grão solemne, aos 15 de Dezembro de 1923,
aos bachareis de 1923, diplomados pela Faculdade de
Direito do Recife.

Exmo. sr. dr. director. srs. doutores, exmas. au-
toridades presentes, exmas. sras., meus srs.

Ha mais de vinte annos já!! Ha mais de vinte an-
nos, em um dia desses de dezembro, de um sol assim
claro e forte, radiante de luz e de calor, com outros
companheiros, deixava eu, para ir, adeante, viver uma
vida nova, as velhas salas da Faculdade, do antigo Col-
legio dos Jesuitas!

Aqui... hoje em dia... quanta claridade, quanta
luz, entrando em jorros pelas portas largas, rasgadas
alto! quanta nobreza, quanta magestade, quanta gran-
deza, neste edificio!!

Alli... no velho convento... quanta nudez nas
velhas paredes! quanta vetustez nas vastas, boloren-
tas salas, quanta frieza nos longos, eseuos corredores!
quanta tristeza na pesada atmosphaera, entre as grossas
paredes e as baixas arcadas!

Construido assim, destino fôra o seu, aquelle velho

predio, não abrigar a mocidade alegre e folgazã das escolas, más tristes monges, votados á solidão e á oração, tristes monges afastados da vida que se vive, para sómente pensarem na vida que se ha de viver!

Mas que contraste! Passados os monges, as tristes e bolorentas salas, as grossas paredes, os longos, escuros corredores, as baixas arcadas, guardavam algum tempo, deixavam passar depois, a mocidade alegre e linda que procurava aquelle predio, mudado o destino antigo, para vir alli beber, na fonte pura, a agua crystallina do direito! E com esta mocidade alegre como as flôres, e linda, como o mez de maio, com esta mocidade viva e forte, como resoava o velho casarão!...

Como as vastas e bolorentas salas, as grossas paredes, os longos, escuros corredores, as baixas arcadas, se tornavam tambem alegres, cantando e vivendo a vida deseuídosa dos moços, vida dos sonhos e das esperanças!

Foi em um dia assim, como o de hoje, nesse dezembro já tão distante, que deixei as velhas salas, que cinco annos seguidos me acostumei a amar, e a querer, as velhas salas que tanto falaram n'alma aos velhos monges, de que guardam, impenetraveis, os segredos; as velhas salas que depois de terem feito resoar tão profundamente, os tardos passos dos penitentes, abrigaram depois, tanto tempo, em seu ambito triste, a mocidade garrula, de que fazia reboar o riso alegre e feliz.

Uma differença, assim como a do funereo dobre para o repicar festivo dos sinos das cathedraes!

Ha mais devinte annos!... Então... quanta alegria!... quantas flores!... quantas esperanças!...

Passados mais de vinte annos... quanta alegria desfeita!... quantas flores murchas!... quanta esperança perdida!... para aquelles que os viveram, que os sentiram, que os passaram!!!

Mas tambem, quanta alegria nova! quantas flôres novas! quantas esperanças novas!

Quantas! porque aqui tenho, novamente, e em minha presença, a mocidade que cinco annos encheu de risos as novas e vastas salas desta Faculdade, e que vae tambem passar, não já as baixas arcadas do velho predio, mas o grande portico deste edificio, para ir, adiante, como nós outros, viver uma vida nova!...

Porque a mocidade se renova sempre; porque ella renasce todos os dias; e é sempre alegre, como as flôres, e é sempre linda, como o mez de maio!

E esta mocidade que vem hoje aqui receber das mãos do sr. dr. director, perante esta douta Congregação, perante esta grande assistencia, o justo premio dos seus esforços, é a mesma mocidade de todos os tempos, que ri e que folga, que sonha e que tem esperanças; e que vos ama, exmas. sras., a vós, que sois mães, que sois irmãs, que sois noivas e que tendes os corações palpitantes de amor e de alegrias, por os filhos, por os irmãos, por os noivos, que vão agora abandonar a casa hospitaleira e bôa, que lhes deu a beber a agua pura da sciencia e que os armou cavalheiros, para a luta pela vida, dando-lhes o ensino necessario á defeza de todos os direitos!

Ha mais de vinte annos! — Lembro-me ainda, srs. drs., quando a vós todos, occupando os mesmos logares de agora, eu vos via, a uns ainda aqui presentes, a outros representados pelos novos que vieram substituir aquelles que a mim deram o ensinamento do direito!

E um logar só eu vejo desoccupado: é o d'aquelle que se chamou Adelino Antonio de Luna Freire Filho e que não encontrou substituto digno na pessoa de quem vos fala!

Mas, estou a vel-o, srs. drs., com a sua physionomia secca e energica, com o seu olhar profundo, e triste, e morno de myope; estou a ouvil-o, sempre e sempre, com a sua voz forte, e sonora, que mal se advinharia,

na franzina estructura physica, firme e sabia, como a de quem mais a tivesse.

D'aquelle typo franzino, mas de um organismo de aço, é incalculavel a energia; e ao par desta energia, um CHARACTER, um homem na mais significativa expressão da palavra, um homem para quem o cumprimento do dever era um dogma, que elle cumpria serenamente, seguindo uma linha só, sem curvas, sem sinuosidades. Jamais transigiu. Era um forte.

Lembro-me ainda... e sinto não vel-o tambem entre vós outros, como quando ha mais de vinte annos, depois de ouvir a palavra de despedidas do paranymphe eleito, atravessei a sala para, primeiro que a todos, dar-lhe o meu abraço de despedidas e fazel-o sentir, de encontro ao meu peito de moço cheio de esperanças, que uma destas era poder seguir-lhe os exemplos, que uma destas era vir a ter um dia, junto ao mestre querido, logar no seio desta Congregação!

Não poderia imaginar que havia de vir a occupar, tão mal, o proprio logar que era delle!..

Mas como a saudade dos velhos tempos, ia me fazendo esquecer que não fui escolhido para vir aqui dizer destas alegrias, que tantas se transformaram em tristezas!... das flôres d'aquelle dia, que tantas marcharam!... daquellas esperanças que tantas são já desillusões!... hoje, quando a mim e aos meus companheiros de jornada começam a branquear os cabellos, hoje, quando tantos delles já se foram para o Além desconhecido!..

Mas, sim, para vos dizer, a vós, moços que hoje recebeis a laurea de bacharel em direito, a vós, meus discipulos e meus amigos, meus jovens collegas, algumas

palavras, no momento da partida, neste dia em que se fecha para vós um cyclo na vida e se abre um outro!

Meus jovens collegas.

Deixaes hoje esta Faculdade; e aqui deveis deixar tambem a vida descuidosa de até agora.

Deixareis ainda, aqui, a alegria da mocidade que fica; levareis para a vida nova os ensinamentos aqui aprendidos e que vos servirão de guia e amparo na luta que é esta vida em que vos ides iniciar.

Alguns de vós, de certo, vireis a occupar os logares hoje dos vossos mestres; outros, sereis advogados; outros, magistrados; outros ainda, vos lançareis no torvellinho da politica. Quem sabe?

Professor, advogado, magistrado ou politico, que venha a ser cada um de vós, eu vos desejo uma carreira facil, feliz e proveitosa, como vol-a desejam todos aquelles que compõem esta Congregação.

E vos desejando felicidades, vos augurando prosperidades, na vida que ides encetar, dando-vos effusivos parabens pela vossa formatura, pareceria, talvez, que nada mais vos devesse dizer.

Tendes certamente pressa de deixar esta casa; de chegar ao vosso lar; de vos sentirdes no doce convivio dos vossos: de vossos paes e de vossas mães, de vossas irmãs e de vossas noivas!

Mas eu penso, como Tobias Barretto, quando um dia paranympheu a uma turma de bachareis desta Faculdade, penso como Tobias, que não foi para este cumprimento banal e sem expressão aos moços que sahem e que se vão mar em fóra no oceano procelloso da vida

moderna, que se creou o paronymphado nesta solemnidade. E eu quero, pois, como Tobias, dizer-vos algo mais, algo que possa vos aproveitar lá fóra.

Alguns de vós sereis professores de direito, talvez desta Faculdade.

Sereis mestres, tereis, a vosso cargo, inculcar, aos moços que virão, a idéa e o amor do direito.

Mas não sabeis agora, quanto de grande, quanto de difficil tem o ser professor!

Professor de direito, então, do direito, lei suprema, segundo a qual unicamente, os homens podem viver em sociedade; professor de direito, a lei forte, somente ella capaz de, refreando os instintos da animalidade humana, tornar possível a coexistencia social!

Como é grandioso o seu papel! E como é grande a figura daquelle que, pelo facto unico de ser professor de direito, é tanta vez o responsavel pelo futuro de uma geração! tanta vez o responsavel pelos destinos de uma grande patria!

E, ou o glorioso dador dos longos periodos de paz, o architecto da bôa ordem social, o factor maximo das leis garantidoras da vida em sociedade, das patrias grandes e felizes, tudo resultante do BOM ensinamento do direito!, ou o responsavel pelas violentas explosões, degenerando em revoluções, guerrás, morticínios, calamidades sem par, resultando do mau ensinamento do direito!

E como é dura a vida do professor, responsavel pelo bem, responsavel pelo mal, que vier a praticar, que vier a soffrer, a geração que lhe ouvir as lições!

Alguns de vós sereis professores! Mas, vêde bem!!

Antes de vos aventurardes a isto, auscultai o coração e a intelligencia; perguntai-lhes se serão surdos á lisonja, aos elogios, aos pedidos, surdos ás ameaças, ás

offensas, aos insultos e ás injurias! Vêde bem, si estareis promptos a um sacrificio continuo de vós mesmos!

Porque se não tiverdes o coração blindado contra tudo isto; si não tiverdes a intelligencia disposta a um trabalho e a uma luta constantes, não deveis jamais pensar em ser professores!

Serieis máos professores. E os máos professores são, na sociedade, como o verme maligno, que se não vê, mas que inacula na semente o filtro da morte; que se não sente, mas que inacula no organismo o virus da peste!

O máo professor estiola o coração da mocidade, inoculando-lhe no organismo e na intelligencia, o desamor e o pouco caso ao estudo e ao direito; elle mata o viço, o estímulo, os sonhos e as esperanças dos moços; prepara uma geração incapaz de servir aos grandes destinos da patria; prepara, enfim, o advento da desordem social!

Alguns de vós sereis professores!

Pois bem, aquelle que vier a sel-o, aqui vos digo, de todo o meu coração: Tende cuidado. Vêde bem se podereis sel-o sem sacrificio, sem prejuizo para a mocidade.

Professor desta Faculdade, pouco depois de ter sido seu alumno, soffri o insulto e a injuria, que me rodeavam; o insulto e a injuria que partiam de todos os lados, mas que se occultavam ás vistas honestas, impedindo o reconhecimento dos autores!

Mas porque? Porque me traçára um caminho e um fim: não olhar para os lados no cumprimento do meu dever de professor, mas sempre para a frente, estudando e amando o direito, cultuando-o, e, no que em mim couber, exigindo sempre do alumno o maximo do esforço e do que lhe puder eu ensinar, exigindo sempre o maximo do respeito que aos mestres deve tributar o discipulo, sem prejuizo da cortezia e urbanidade

que entre ambos devem existir. Mas a cada injustiça, a cada insulto, a cada injúria, do miseravel escripto anónimo, da borradura infame pelas paredes, dos cochichos desprezíveis, dos máos conselhos perfidamente insinuados, lembrando-me sempre do meu grande antecessor, Adelino Filho, que tantas injurias, tantas calumnias, tantas injustiças soffreu, no seu magisterio, sem que jamais se lhe entibiasse o animo, a tudo votei o mais solenne desprezo.

Segui o meu caminho, que me ensinára o antecessor e mestre.

E como acredito ter vencido com o conselho e o exemplo de Adelino Filho, é este o typo de professor que vos apresento e que deveis seguir, si vos resolverdes a esta carreira de estudos e de sacrificios.

Recto, nobre e grande o seu exemplo, si o seguides, sereis um professor; não sereis um estiolador do coração da mocidade de amanhã, vossos futuros discipulos, com o desamor ao estudo e com o ensinamento de theorias envenenadas, que trazem a desordem, a miseria e a dor, em vez da felicidade constante da communhão social, pela disseminação do conhecimento do direito, que cada um deve ter.

Alguns de vós sereis advogados, exercereis a profissão nobilitante de defender aquelles que se sentirem feridos em suas pessôas, em seus direitos, em seus interesses.

Direis como Cicero: "Nullus est dies quo non dicam pro réo". "Não ha dia em que não defenda alguém".

E como é consolador ao advogado, repetir a phrase do grande latino! Como empolga o coração do advogado verdadeiro a defeza do direito!

E como é difficil, tanta vez, no emmaranhado das leis, das provas, dos factos, fazer surgir a relação legitima, fazer claro e brilhante o direito offendido, trazel-o á luz e restaural-o na ordem social!

Sereis advogados!

Mas não deveis pensar em sel-o, si uma natural inclinação não vos encaminhar para a profissão.

Nem vos cuideis promptos, inteiramente aptos, desde já, ao exercicio da mais difficil de todas as profissões offerecidas ao bacharel em direito. Crede-me que bem difficil é a profissão. E que de responsabilidade não acarreta, porque fortuna e vida dos clientes estão muitas vezes suspensas da palavra e da penna do advogado, pendentes do conselho e da resposta que lhes der sobre os negocios, pendentes da maestria com que souber sahir-se do emmaranhado contradictorio das provas exhibidas nos pleitos judiciarios!

Uma natural prudencia, portanto, é necessaria ao advogado; e foi por isto que os grandes juristas da antiguidade chamaram-se de PRUDENTES.

Porque a prudencia era a primeira das qualidades exigidas ao advogado.

Tende, pois, sempre isto em mente. Iniciai com cautela a vossa carreira de advogados; não vos abalançais aos grandes lances, senão depois de verdadeiramente affeitos ao mister, pois um erro infeliz no principio da carreira, em caso de importancia, poderia ser a morte da mesma, como poderia anniquillar a fortuna e vida do cliente.

Nem desprezeis os conselhos dos mais velhos na profissão, porque nesta ha segredos que somente a pratica, uma longa pratica, ha de dar; mas tende cuidado na escolha dos vossos conselheiros, porque na profissão tambem ha, infelizmente, em grande numero, os vendelhões do direito, aquelles que não olham meios para attingir ao fim de fazer fortuna!

Todos os meios são bons, dizem estes; onde falha o saber, onde falha o direito, use-se da manha, use-se do falso, use-se do suborno!

E' triste isto, meus jovens collegas, porém é a verdade e eu protestei vol-a dizer toda nesta ultima fala de mestre a discipulos!...

Estes máos conselhos de alguns velhos na profissão, e que não seguireis absolutamente, eu o espero, eu vol-o conjuro, tem inutilizado, no principio da vida, a tanta capacidade digna de melhor futuro!

Conheço rapazes espalhados por todo este Brasil immenso, que, sahidos da Faculdade, pensaram poder dispensar-se de uma rapida aprendizagem da advocacia, junto a um pratico, antes de, por propria conta e riscos, se disporem a defender alheios interesses e que, victimas da propria inexperiencia, desanimaram aos primeiros contratemplos, maldizendo da profissão e dos que lhes foram os mestres na Faculdade; outros que, desejando vencer desde logo, fosse como fosse, enveredaram por aquelle outro caminho indigno de que já vos falei.

Mal procedem os que desanimam ao primeiro embate, porque culpados são elles proprios, de se terem crido demasiado fortes, como o joven selvicola, desprezando o pequeno arco e flecha de seus folgares, para tentar sopear o forte e grande arco do pai, robusto e poderoso chefe das selvas, que ri, alegre, dos anceios do filho. Como no inacabado poema heroico, cantou o poeta mavioso dos Tymbiras!

Estes, se encontram depois mão amiga, podem recommear com successo, ou em outra profissão de luta menos intensa aproveitar a capacidade de trabalho e estudo.

Peior, porém, aquelles outros. Sem capacidade para a luta honesta, querendo vencer ao primeiro momento, as pequenas victorias da fraude e do suborno, que lhes ajudaram a ter clientes de má fé, ferem de

morte a sua carreira; em pouco tempo são apontados como advogados capazes de todas as coragens, e o pouco dinheiro mal ganho, ganho sem honra, nos primeiros tempos, não permittirá jamais, até o fim da vida, que venham a ser advogados verdadeiros!

Serão sempre e somente aproveitados para quando quizer um roubar ao orphão desprotegido; para quando quizer o rico espoliar o pobre; para quando quizer o poderoso esmagar ao pequenino.

Mas nenhum será nunca um advogado, na accepção legitima da palavra. Porque este além de PRUDENTE, precisa ser VIR PROBUS; a probidade é essencial á profissão.

Tambem será preciso não mentirdes ao direito. Será preciso não fingirdes um saber que não tiverdes.

Ha iniciados na profissão, que se envergonham de abrir um livro, de consultar a lei, em presença dos consultentes; ha outros que se julgam aptos a, sem a minima reflexão e estudo, responder de momento as mais difficeis questões de direito, ou a resolver, em um apice, com uma palavra, as mais complicadas situações.

Pois o erro será quasi sempre o resultado; pois o erro será ás mais das vezes a consequencia desta irreflexão; ou desta pretensão a conhecimentos acima do possivel; ou desta apprehensão demasiado rapida, apprehensão falsa, da trama varia que se tece na vida social.

E quantos dissabores, quantos damnos, muitas vezes quantas calamidades, estes erros não vêm a produzir!

Evitai, pois, este procedimento. Não deveis jamais responder sem reflexão, sem consultar á lei, que deyerá ser a companheira inseparavel do advogado;

não deveis jámais dar a vossa resposta ás consultas que vos forem feitas, sem o devido estudo dos factos, da lei e do direito, ante a bôa e sã doutrina.

Somente assim direis PERITAMENTE; e o advogado além de prudente e probo, tem de ser um DICENDI PERITUS.

Não vos julgueis, portanto, votados a uma victoria facil na profissão de advogado, mas sim que tereis de lutar muito; nem imagineis que terminastes aqui o estudo necessario ao exercicio da profissão.

Não. Aquelle de vós que pretender o exercicio da advocacia, ha de começar agora a estudar mais, muito mais; ha de estudar sempre e sempre, até o ultimo instante da vida, precisando de cada dia estudar mais.

A vida moderna se renova profundamente, progride a passos largos, cada dia. O Direito se renova com ella, cada dia tambem, e a regra juridica de hoje não é a de hontem nem será a de amanhã.

O advogado não póde ficar atraz um momento, elle tem de acompanhar este desenvolvimento e esta mutação do direito, para poder lhe conhecer o dictame e não deixar desamparados os interesses que lhe forem confiados.

Vêde bem, pois, que, advogados, tereis de vos dedicar com maior esforço ao estudo do direito do que o fizesteis até hoje; si não vos sentirdes com o animo necessario, passai de largo, deixai a advocacia, procurai outra profissão.

Outros de vós, sereis magistrados. Sereis os guardas indefesos da lei e da ordem social.

Tereis o encargo de velar pela segurança do direito, pela restauração da lei offendida; ou estas segurança e restauração vos peça a sociedade, pelos seus órgãos,

para que o interesse publico não soffra, ou vol-as peça o individuo, que tenha tido ferido o seu interesse particular.

Aqui, meus jovens collegas, sobe de ponto a minha difficuldade, para vos dar um conselho.

Não ha profissão mais grave; não ha mister mais digno, mais honroso, mais nobre, entre todas as profissões offerecidas ao bacharel em direito.

Porém não ha outra mais custosa de exercer bem. Porque o magistrado é o para-choques de todas as paixões; e deve ser como o rochedo onde se vêm quebrar violentas as ondas enfurecidas do mar encapellado: sempre de pé, immovel, hirtó!

Ou como a rocha gigante, sobre cujos hombros bate com força horrivel a massa enorme de um rio a se despeñar no vacuo das grandes quedas d'agua: sempre de pé, immovel, impassivel!

E que coração de gigante, que força athletica, não precisa ter o homem que se vota a um tal sacrificio!

Pedra viva, onde vão bater todas as forças infrenes que se desenvolvem na sociedade, precisa o magistrado ter esta força d'alma sem par de que vos falo!!

Ou não será digno da investidura!.

Alguns de vós sereis magistrados; mas si não sentirdes esta fortaleza d'alma, esta qualidade essencia e necessaria para resistir ás paixões que vos cercarão, afastai-vos da carreira, procurai noutro mister como aproveitar as vossas energias. E assim como deveis estar blindados para resistir ás paixões alheias, que vos cercarão, precisais ter a alma bastante forte para resistirdes ás vossas proprias. Porque não deveis jamais ceder tambem, nem aos vossos odios nem ás vossas affeições.

Si não vos sentirdes assim fortes, afastai-vos de tão nobre profissão, para que a não deshonreis, nem a vós proprios,

Mas si tendes tamanha fortaleza d'alma, sabeí, que, magistrados, não tereis outra defeza senão esta vossa propria força: que estareis desamparados da sociedade, que exigirá de vós o sacrificio, mas que, instinctivamente má, instinctivamente só querendo cada um ver o proprio interesse, não vê jamais ao rochedo vivo onde se vão quebrar as paixões!

Porque o magistrado é entre nós, verdadeiro pariá na sociedade, pariá que não tem mesmo direitos á vida!

Exige-se-lhe tudo e se lhe não dá cousa alguma; apenas com que matar a fome, com os parquissimos vencimentos, que lhe não chegam mal para educar e manter convenientemente a familia.

No entanto, como o advogado, precisa o magistrado de estudar e estudar muito o direito, afim de poder solucionar com justiça os rudes pleitos que tem de resolver e decidir, exercendo a sua nobre missão de SUUM CUIQUE TRIBUERE!

No entanto, triste verdade!, ao magistrado não dá a sociedade nem mesmo com que adquirir os livros, fonte perenne, do saber que precisa ter e que se lhe exige inexoravelmente.

Para este posto de sacrificios, a alguns de vós, impellirá a inclinação; a outros impellirá a fatalidade, ou a necessidade!

Mas não vos deixeis vencer, vós que abraçardes tão nobre carreira; vós que vos votardes ao duro sacrificio.

Avisados, não ignorais por onde caminhar; fortificai, pois a alma; blindai o coração, para não admittirdes influencia extranha no exercicio da vossa missão sublime; repelli com desassombro a offerta indigna de quem vos pretender offender a pobreza honrada comprando sentenças; repelli com energia os mercadores da honra alheia, e que vos apparecerem na figura maneirosa e velhaca de fingidos protectores, de advogados despudorados, de partes interessadas, offe-

recendo-vos promoções, riquezas, interesses, ou chorando lágrimas mentidas sobre perseguições, desgraças ou infelicidades que jamais existiram, afim de por um ou por outro meio conseguir que se mova e amolente a rocha viva que deve ser o magistrado, sempre de pé, immovel, impassivel, em meio ás paixões que se desencadeiam e revolvem o mundo!

Repelli-os e sereis dignos de vós mesmos e da sublimada e santa investidura que vos tiver dado a sociedade!

Não vos importem as injustiças, que haveis de soffrer, si assim agirdes; mas ninguem dirá de vós ao passardes, velho, pobre e honrado, que alli passa um que vendeu a justiça, que mentiu ao seu sacerdocio!

E eis, direis, que vos desaconselho todas estas profissões!!

Não. Mas apenas vol-as aponto como ellas devem ser exercidas, como somente sereis dignos dellas, como desejo do intimo do meu coração que o sejais.

Outros ainda... vos lançareis... no torvelinho da politica.

A politica...

Eu já disse uma vez deste mesmo logar, em solenidade diversa:

“... não cuidemos de politica; deixemol-a fóra.

Eu não desejo que ella penetre n'este recinto, n'este templo da sciencia e do direito, e muito menos pela minha mão ou pela minha palavra, porque a politica, como as lavas de um vulcão, tudo destróe em sua passagem.

Eu temeria que ella fizesse desaparecer a justiça...

Deixemos a politica de lado..."

Já protestei uma vez, assim; e protesto novamente agora: "No ambito sagrado deste edificio e destas salas; para dentro do grande portico desta Faculdade, deste templo do Direito, desta casa onde se preparam e de onde sahem os moços juristas para a vida trabalhosa de lá fóra, eu jamais falarei de politica... de politica, como se a comprehende no Brasil."

Não vos falarei, pois, dessa de quem' um dos grandes mestres desta Faculdade...

Não, eu não continuarei... eu nada vos sei dizer de politica...

E nada mais, meus jovens collegas! Nada mais se não vos pedir acreditar no affecto e na sinceridade das minhas palavras, tão sem brilho. Nada mais que agradecer ao exmo. sr. dr. director e mais professores, ás exmas. autoridades e senhores presentes, a attenção com que fui ouvido. Nada mais que a vós exmas. senhoras, á vós que sois mães, ou irmãs ou noivas, destes jovens, meus collegas, que se partem para a vida, pedir que, do fundo de vossos corações amantissimos, alceis uma prece fervorosa, ao Supremo Regedor dos humanos destinos, pela felicidade de todos elles; e que lhes digaes commigo:

"IDE, por todo este Brasil em fóra, por toda essa patria nossa tão querida e que tanto precisa do carinho e desvelos de seus filhos, IDE e por toda a parte pregai o evangelho do Direito.

Pregai-o; praticai este evangelho sublime e sereis bemditos da patria brasileira!...

IDE! e sêde felizes!..."